

## O pedagogo oprimido: análise do discurso conservador no documentário *A face oculta de Paulo Freire*

The Oppressed Pedagogue: Analysis of the Conservative Discourse in the Documentary *The Hidden Face of Paulo Freire*

El pedagogo oprimido: análisis del discurso conservador en el documental *La cara oculta de Paulo Freire*

Edson André Pereira Hilário  

Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte/MG – Brasil

Amanda Marcia dos Santos Reinaldo  

Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte/MG – Brasil

### Resumo

Este estudo percorre o discurso da nova direita conservadora brasileira sobre Paulo Freire, tomando como artefato central o documentário *A Face Oculta de Paulo Freire*, produzido pela Brasil Paralelo. Com apoio na hermenêutica fenomenológica de Paul Ricoeur, interpreta-se não a veracidade das críticas, mas os mecanismos pelos quais a figura do educador é redesenhada como ameaça simbólica. A análise, estruturada em unidades de significado e compreensão abrangente, desvela quatro vetores interpretativos: a pedagogia como arena ontológica; o prestígio como desconforto cultural; a obstrução da fusão de horizontes como gesto hermenêutico; e Freire como signo densamente saturado de antagonismos. O documentário não apenas critica, mas performa uma reconstrução de mundo em que o educar se converte em campo de disputa política. O artigo não encerra a controvérsia, mas propõe um desdobramento: compreender como se reconfigura, hoje, o que pode ou não ser dito em nome da educação.

**Palavras-chave:** Paulo Freire; discurso conservador; hermenêutica.

### Abstract

This study examines the discourse of the new Brazilian conservative right on Paulo Freire, taking as its central artifact the documentary *The Hidden Face of Paulo Freire*, produced by Brasil Paralelo. Drawing on Paul Ricoeur's phenomenological hermeneutics, it interprets not the truthfulness of the criticisms, but the mechanisms through which the figure of the educator is redrawn as a symbolic threat. The analysis, structured in units of meaning and comprehensive understanding, reveals four interpretive vectors: pedagogy as an ontological arena; prestige as cultural discomfort; the obstruction of the fusion of horizons as a hermeneutic gesture; and Freire as a sign densely saturated with antagonisms. The documentary not only criticizes, but also performs a reconstruction of the world in which education is converted into a field of political dispute. The article does not seek to close the controversy, but proposes a further development: to understand how what may or may not be said in the name of education is being reconfigured today.

**Keywords:** Paulo Freire; conservative discourse; hermeneutics.

### Resumen

Este estudio recorre el discurso de la nueva derecha conservadora brasileña sobre Paulo Freire, tomando como artefacto central el documental *El rostro oculto de Paulo Freire*, producido por Brasil Paralelo. Con apoyo en la hermenéutica fenomenológica de Paul Ricoeur, se interpreta no la veracidad de las críticas, sino los mecanismos por los cuales la figura del educador es rediseñada como amenaza simbólica. El análisis, estructurado en unidades de significado y comprensión abarcadora, revela cuatro vectores interpretativos: la pedagogía como arena ontológica; el prestigio como malestar cultural; la obstrucción de la fusión de horizontes como gesto hermenéutico; y Freire como signo densamente saturado de antagonismos. El documental no solo critica, sino que performa una reconstrucción del mundo en la que educar se convierte en un campo de disputa política. El artículo no cierra la controversia, sino que propone un desdoblamiento: comprender cómo se reconfigura hoy lo que puede o no ser dicho en nombre de la educación.

**Palabras clave:** Paulo Freire; discurso conservador; hermenéutica.

## Introdução

Paulo Freire, ainda? Sim, mas não por insistência nostálgica. O nome do educador persiste menos como lembrança do que como superfície de choque, na qual passado e presente da pedagogia crítica se reconfiguram. Sua obra, gestada na tensão entre opressor e oprimido, não propõe um método exportável ou uma fórmula de aplicação linear. Funda, antes, um modo de escutar o mundo a partir dos silêncios que o sustentam (Apple, 2008; Kohan, 2019). A pedagogia do oprimido, nesse gesto, não prescreve, mas convoca. Mas nem toda convocação é acolhida, e talvez aí se situe sua fratura inaugural.

No Brasil, a rejeição organizada a Freire tornou-se algo mais que ruído ideológico. Constitui hoje um projeto discursivo com gramática própria. À superfície, criticam-se sua filiação à tradição marxista e a suposta ausência de comprovação empírica de suas proposições (Carvalho, 2012). O subtexto, contudo, revela outra operação: transformar a centralidade simbólica do educador em indício de monopólio e sua legitimação institucional em evidência de aparelhamento. Não se trata apenas de discordar de Freire. Trata-se de interditar sua escuta, reconfigurando-o como ameaça não à técnica, mas à ordem cultural projetada por determinado imaginário conservador (Apple, 2008; Haddad, 2019).

Nesse cenário de disputas, a empresa Brasil Paralelo se destaca não apenas como produtora de conteúdo, mas como engenho narrativo. Seu documentário *A face oculta de Paulo Freire* não se limita a informar. Para além disso, constitui uma construção dramatúrgica que opera pelo artifício da denúncia para instaurar um novo regime de legibilidade sobre o educador. O vídeo não apresenta apenas dados. Encena evidências. Não argumenta apenas. Insinua. Sob o verniz da imparcialidade, o roteiro mobiliza metáforas de ocultamento e revelação, compondo uma dramaturgia na qual Freire assume o papel de um espectro a ser exorcizado. Resta indagar a que custo simbólico essa operação se realiza.

O que ali se delinea não é apenas uma crítica. É uma tentativa de desmonte hermenêutico. Deslocar o educador do campo da memória coletiva para o da suspeição política. Tal operação exige mais que uma análise textual; exige leitura da cena, dos silêncios e dos efeitos de verdade em jogo. É nesse sentido que este artigo se ancora no método fenomenológico-hermenêutico de Lindseth e Norberg (2004), cuja filiação à filosofia de Paul Ricoeur permite entrever as camadas de sentido que se ocultam sob o dito. A isso se soma a noção gadameriana de fusão de horizontes (Gadamer, 1997), que obriga a escutar o que ali se expressa, mesmo quando se discorda.

A hipótese que orienta a leitura é menos normativa que cartográfica. O discurso da nova direita conservadora em torno de Freire opera como um mundo projetado, com topologia moral própria e regras específicas de inteligibilidade. Não se trata de verificar se esse mundo é verdadeiro, mas de compreender como é construído, quais afetos mobiliza e a que estruturas de reconhecimento responde. Afinal, toda crítica eficaz não apenas nega; propõe também outro modo de organizar o sensível.

O que está em jogo, então, no ataque a Freire? Trata-se apenas de sua associação ao marxismo ou de uma disputa mais ampla em torno do lugar da educação nos conflitos culturais do presente? E o que essa ofensiva revela sobre os projetos de educação em disputa no cenário contemporâneo?

## Metodologia

Este estudo parte de uma inquietação interpretativa. Como uma figura tão amplamente legitimada quanto Paulo Freire pode ser reconfigurada, discursivamente, como risco simbólico? Para escutar essa reconfiguração em sua espessura hermenêutica, adotou-se uma abordagem qualitativa de orientação fenomenológico-interpretativa, inspirada no método de interpretação desenvolvido por Lindseth e Norberg (2004), cuja matriz filosófica se ancora na hermenêutica de Paul Ricoeur (1994). O corpus não é neutro. Trata-se do documentário *A face oculta de Paulo Freire*, produzido pela empresa Brasil Paralelo (s.d.). Artefato audiovisual que, mais do que relatar, projeta um mundo. Um mundo que se afirma como evidência, mas opera como construção.

Para que a análise não recaísse sobre impressões dispersas ou sobre gestos interpretativos imprecisos, o documentário foi transcrito na íntegra. Não se tratou apenas de um protocolo técnico, mas de uma aposta metodológica. Dar corpo visível à palavra, devolver ao discurso seu estatuto de escritura. Uma escritura que não apenas narra, mas institui. Não apenas diz, mas modela o sensível. Transcrever, aqui, foi também tatear: acolher o enunciado como matéria interpretável, passível de fratura, dobra e repetição. Foi permitir que o filme se convertesse em texto, denso, tensionado e legível em camadas, e que a leitura se desenrolasse como escuta lenta.

A partir dessa base, a análise desenhou-se em três tempos, não sucessivos, mas concêntricos. Três modos de tocar o texto, de mover-se nele e com ele. Primeiro, a leitura ingênua, menos um exercício de passividade do que um gesto deliberado de suspensão: acolher o texto como ele se apresenta, sem antecipar o que ele deveria ser (Lindseth; Norberg, 2004). Em seguida, a análise estrutural, que fragmenta para recompor: unidades de sentido foram extraídas da transcrição, condensadas em subtemas e, destes, derivaram-se temas centrais, estruturas que não apenas sustentam o discurso, mas o performam. Por fim, a compreensão abrangente, momento em que o pesquisador se inscreve no processo interpretativo, não para dissolver a distância entre si e o objeto, mas para habitá-la. Gadamer (1997) nomeia esse movimento como fusão de horizontes, fusão tensa, não harmoniosa, produtiva justamente por não ser total.

A escolha pela hermenêutica filosófica não é apenas metodológica; é também interpretativa. O fenômeno investigado, a reinscrição de Paulo Freire como antagonista simbólico, não se deixa apreender por verificações empíricas ou inferências causais. O que se tensiona, aqui, não é apenas o conteúdo da linguagem documental, mas sua própria tessitura simbólica, saturada de gestos que não dizem, mas instituem. Cada corte, cada silêncio, cada escolha lexical compõe um desenho de mundo que não se limita a excluir: redesenha, reposiciona, reescreve o lugar do outro sob o verniz da objetividade. Interpretar, nesse terreno, não é procurar o que se quis dizer. É arriscar a leitura das dobras, aquelas zonas de atrito em que valores e antagonismos não se enunciam diretamente, mas sustentam, subterraneamente, o modo como a narrativa se afirma como verdade.

A leitura dos achados não busca refutar nem confirmar. Busca compreender o regime de sentido que torna possível, hoje, a existência de um discurso que acusa Freire de hegemonia enquanto reproduz, sob nova roupagem, estruturas de exclusão simbólica. Com Ricoeur (1994), entende-se que a tarefa hermenêutica não é julgadora, mas

desveladora. Revela-se, portanto, não o que o documentário realmente quis dizer, mas como ele opera, a partir de que chaves morais e sob quais efeitos performativos.

Essa postura epistêmica, compreensiva e não acusatória, recusa o tom bélico que exige posicionamentos rápidos e sentenças definitivas. Em vez disso, aproxima-se do objeto por meio de uma escuta densa e demorada, mais comprometida com a compreensão do conflito do que com sua resolução imediata.

## Resultados

A leitura ingênua, como primeira travessia, não recai sobre o que se mostra, mas sobre o que se repete, não exatamente dito, mas reiterado no ritmo, nas inflexões e nas escolhas de imagem. O documentário não se apresenta como interpretação, mas como operação de verdade. Nele, Paulo Freire não é celebrado, mas reconfigurado. Não como o educador que mobiliza a consciência crítica, mas como agente de infiltração ideológica, artífice de um projeto que mistura marxismo cultural, subversão moral e militância antirreligiosa. Sob essa moldura, sua obra deixa de ser proposta pedagógica para tornar-se arma doutrinária.

A estrutura narrativa aposta no escândalo. O que era símbolo nacional da educação converte-se em peça-chave de uma conspiração silenciosa. O espectador é convocado não a refletir, mas a despertar, sair do torpor crítico e reconhecer, entre imagens e falas, a verdade “escondida” pela hegemonia acadêmica. A experiência oferecida não é dialógica. É epifânica. E os valores que sustentam essa conversão são nítidos: liberdade como contraponto ao Estado, fé como antídoto contra ideologias, família como bastião da ordem.

A análise estrutura esse universo não pela via da confrontação externa, mas por sua lógica interna. As unidades de significado, extraídas da transcrição integral do documentário, foram tratadas não como fragmentos, mas como vetores de sentido em rotação simbólica. A condensação dessas unidades deu origem a quatro temas centrais, que não apenas organizam o discurso, mas revelam a gramática afetiva e política que o sustenta. Cada tema desvela um eixo semântico de tensão, ora entre ciência e fé, ora entre método e doutrinação, ora entre diálogo e imposição. Não se trata, aqui, de tipologia. O que emerge é um campo semântico em que a imagem de Freire é dobrada, fraturada e reinscrita em outra economia discursiva.

A compreensão abrangente não se apresenta apenas como conclusão, mas como elaboração interpretativa. Na fricção entre os temas, não se desenha apenas uma disputa pedagógica. O que se revela é a colisão entre arquiteturas simbólicas que não compartilham o mesmo horizonte de inteligibilidade. De um lado, o universo freiriano, não como doutrina, mas como gramática de mundo em que a linguagem não instrui apenas, mas abre; não repete, mas convoca; não disciplina, mas desvela. Uma pedagogia que não ensina verdades prontas, mas incita perguntas e, nesse movimento, transforma. Aqui, a educação não se limita a transmitir conteúdos. Arrisca-se como gesto ético de restituição do mundo ao olhar do oprimido.

De outro, o mundo projetado pela Brasil Paralelo, no qual o mesmo Freire é figura de ameaça à liberdade individual, à ordem moral e à estabilidade da tradição. Aqui, o

educador não ensina: manipula. Não emancipa: conduz. Não propõe: infiltra. A linguagem, antes horizonte de escuta, passa a operar como véu, superfície sedutora que encobre uma engenharia de poder. O que se contesta, no fundo, não é apenas o conteúdo freiriano, mas o próprio lugar da educação como território de disputa simbólica. Talvez resida aí a persistência do conflito que o documentário procura organizar narrativamente.

### **Dos Temas Centrais identificados**

A tessitura discursiva do documentário não se apresenta como simples moldura dos achados; ela age. Age como gesto de ordenação simbólica e como projeto de inteligibilidade do mundo. São quatro vetores, mas não em sentido enumerativo. São linhas de força, zonas de condensação de um discurso que pretende mais do que narrar, pretende reconfigurar.

O primeiro movimento não é apenas inaugural, mas fundante. Ele opera uma inflexão decisiva ao descolar Paulo Freire de seu lugar consolidado no imaginário educacional. O prestígio técnico-científico é preservado apenas para ser contrastado, desfiado e rebaixado à condição de ilusão celebratória. A crítica não se dá no plano da teoria, mas da funcionalidade. A pergunta não é “o que propõe Freire?”, mas “onde estão os resultados?”. Trata-se, portanto, de tensionar a legitimidade acumulada por décadas de recepção internacional, redescrivendo-a como prestígio desvinculado de comprovação. Um brilho que não emana do método, mas do mito. A retórica aqui não se insurge frontalmente contra os princípios teóricos, mas os desloca para o campo da inefetividade: “[...] o ingresso do autor no seletivo círculo das celebridades intelectuais mundo afora não foi conquistado pelos resultados de um método revolucionário, mas, pelo contrário, pela revolução contida no seu método” (Brasil Paralelo, 2023). Trata-se de esvaziar a prática por meio do excesso de prestígio, numa espécie de consagração vazia. A crítica não nega os títulos, “Paulo Freire é portador de pelo menos 35 títulos de Doutor honoris causa concedidos por universidades brasileiras, europeias e norte-americanas, foi contemplado com o Prêmio Educação para a Paz da Unesco em 1986 e declarado patrono da educação brasileira em 2012” (Brasil Paralelo, 2023), mas insinua que eles seriam desvinculados de comprovação empírica: “A única iniciativa de implementação em massa [...] foi interrompida ainda em seus primeiros meses pelo golpe militar de 64.”

O segundo eixo mobilizado é o da pedagogia do oprimido como instrumento ideológico revolucionário, em que a matriz freiriana aparece não como proposta educacional, mas como engrenagem de subversão. A educação, nessa chave, é reposicionada como ferramenta de insurreição social, fundada sobre a divisão estrutural entre opressores e oprimidos: “A premissa central assumida por Paulo Freire é de que a sociedade se divide entre opressores e oprimidos” (Brasil Paralelo, 2023). Essa concepção é tensionada com elementos do marxismo clássico, especialmente ao se afirmar que “ao definir as classes em conflito como aqueles que compram e os que são obrigados a vender o seu trabalho, Paulo Freire evidencia a influência do materialismo histórico marxista em seu pensamento” (Brasil Paralelo, 2023). A linguagem libertadora cede lugar a um roteiro revolucionário, em que a própria educação passa a operar como “consciência de classe indispensável à revolução” (Brasil Paralelo, 2023).

No terceiro tema, evidencia-se a rejeição simbólica da linguagem e da moralidade freiriana. A narrativa articula uma espécie de estranhamento moral e linguístico, no qual a escrita de Freire é apresentada como enigmática, excessivamente abstrata e carregada de contradições calculadas. Frases como “é na resposta dos oprimidos à violência dos opressores que vamos encontrar o gesto de amor” ou “na verdade, não há eu que se constitua sem um não-eu [...]” (Brasil Paralelo, 2023) são mobilizadas para sugerir um jogo retórico opaco, cuja pretensão libertadora esconderia uma forma distinta de dogmatismo. A linguagem é apresentada como máscara. Da mesma forma, a moral proposta, centrada na “justa raiva” ou na “revolução biófila que [...] é obrigada a deter vidas” (Brasil Paralelo, 2023), tensiona o imaginário tradicional de autoridade, afetividade e relações parentais: “as relações pais-filhos nos lares [...] incrementam o clima da opressão” (Brasil Paralelo, 2023).

Por fim, emerge o quarto tema. Paulo Freire como doutrina oficial da educação brasileira. Nesse enquadramento, a pedagogia freiriana é lida como núcleo normativo que teria se tornado hegemônico, não apenas no discurso institucional, mas no imaginário coletivo. O que se apresenta como pluralismo educativo é gradualmente dissolvido na denúncia de um monopólio simbólico. A ideia de escolha cede lugar à suspeita de imposição. “O Brasil é o único país em que o pensamento de Paulo Freire teve profunda penetração política” (Brasil Paralelo, 2023). A frase não apenas informa, ela insinua captura. Uma captura não só institucional, mas ontológica: do discurso, do imaginário, da própria ideia de educação. A pedagogia, nesse gesto, deixa de ser horizonte e se converte em doutrina oficial, norma incorporada. O desfecho não pede reflexão, mas exige ação: “E se você quer ajudar a exorcizar o Paulo Freire hospedado na educação brasileira, faça sua parte: compartilhe esse vídeo” (Brasil Paralelo, 2023). Não se trata de um apelo banal. Trata-se de uma convocação com nítido teor ritual. Expurgar Freire, nesse jogo, equivale a purificar o campo do ensino, como se a presença do educador já não fosse pensamento, mas ameaça. A ironia é espessa: o oprimido de ontem reaparece, aqui, como figura de opressão.

### **Análise Hermenêutica**

A figura de Paulo Freire, tal como modelada pelo documentário, não se reduz a um alvo de crítica; ela opera como cifra de uma disputa mais ampla sobre o que se pode, ou se deve, esperar da educação. Não se trata apenas da desconstrução de um legado, mas da inscrição de outro imaginário, fundado em valores que deslocam o eixo da justiça para o da ordem, da emancipação para a disciplina, da escuta para o comando. A pedagogia freiriana, nesse espelho invertido, é convertida em sintoma de um desvio que se pretende corrigir ou extirpar. O que está em jogo, sob a superfície da retórica, é uma disputa por pertencimento simbólico: quem educa, a serviço de quê, com que linguagem e a partir de qual verdade possível? Ao fim, não se formula uma tese sobre Freire. Constrói-se uma contra-narrativa de país.

## Discussão

### A pedagogia como campo de disputa ontológica

No interior da montagem discursiva do documentário *A Face Oculta de Paulo Freire*, a pedagogia emerge não como método nem técnica, mas como operador ontológico de um embate civilizatório. O que ali se apresenta não é a crítica a um educador, mas o desmonte deliberado de um imaginário político. Freire é convertido em cifra, em nome próprio que condensa uma gramática ética incompatível com a ontologia da ordem, da autoridade e da neutralidade fictícia. Em seu lugar, a obra da *Brasil Paralelo* projeta uma equivalência perversa. Ensinar é catequizar, dialogar é doutrinar, emancipar é manipular. Assim, o gesto hermenêutico não busca compreender Freire, mas interditá-lo. Há um deslocamento do campo pedagógico para o campo das guerras culturais, onde o professor não mais forma, mas disputa território simbólico.

Gadamer (1997), ao propor a fusão de horizontes como condição da compreensão, pressupõe abertura ao outro. Mas não é isso que opera o documentário. O que ele encena é um bloqueio hermenêutico, um fechamento da escuta. A pedagogia crítica é recusada não por seu desempenho escolar, mas pelo tipo de mundo que evoca. Rejeita-se não uma metodologia, mas a ontologia do sujeito oprimido como ponto de partida para a leitura da realidade. Ao fazer da educação um ato político, Freire rompe com a ficção da imparcialidade, e é precisamente essa ruptura que o torna intolerável. O documentário, em vez de dialogar, reverte. Torna o educador um artefato ideológico, uma figura a ser expurgada da narrativa nacional.

Não se trata, pois, de uma recusa metodológica. Trata-se de uma rejeição ontológica, porque repudia a própria compreensão de educação proposta por Freire, aquilo que ele entende como o sentido mais profundo do ato de educar. A pedagogia freiriana desafia o *ethos* meritocrático, o culto à propriedade como expressão de liberdade e o sucesso como autoafirmação privada. Seu discurso sobre libertação como parto e a revolução como gesto vital não se acomoda à lógica da tradição conservadora. Por isso, o documentário não debate: neutraliza. Impõe, na tela, uma simetria invertida em que o educador se converte em opressor, e o oprimido, em massa manipulável. O espaço pedagógico deixa de ser lugar de encontro para se converter em trincheira. Quem ensina precisa desautorizar o outro para continuar habitando um mundo em que Freire não exista.

### A reconfiguração do prestígio como ameaça simbólica

A divergência entre Freire e o universo conservador que lhe é adverso não se limita à disputa sobre métodos. O que o documentário tensiona, com cálculo e precisão, é o próprio conceito de prestígio. Ao subverter o sentido de seus títulos, prêmios e condecorações, o documentário opera uma mutação simbólica: o reconhecimento torna-se indício de cumplicidade, e a aclamação, sintoma de um circuito viciado de legitimação. Não se nega o prestígio. Esvazia-se sua legitimidade. O educador celebrado transforma-se em peça funcional de um sistema simbólico supostamente corrompido, artífice involuntário de uma máquina de consagração forjada pela aliança entre universidade, Estado e ideologia.

Não há crítica pedagógica aqui. Há uma operação de deslegitimação discursiva. Trata-se de expurgar a imagem de Freire para restaurar um ideal arcaico de autoridade didática, neutra, administrativa e asséptica.

Essa desconstrução do prestígio não se faz apenas por desacordo ideológico. Ela pulsa, subterraneamente, em um ressentimento que precede o argumento. O incômodo é que Freire teria sido alçado à condição de símbolo da educação nacional mesmo sem jamais ter visto sua proposta integralmente praticada nas escolas. Mas o que a crítica alveja não é o autor em si. É o percurso que o entronizou. A transformação de um educador em ícone, esse é o ponto sensível.

Arendt (2006), ao discutir o colapso das estruturas que sustentam a autoridade na modernidade, advertia contra os riscos de ruptura nas mediações simbólicas que legitimam a transmissão intergeracional do saber. O documentário encarna essa advertência em chave invertida. Nele, Freire aparece como agente de uma usurpação, alguém que teria convertido a função mediadora da educação em plataforma de doutrinação. Um traço bastaria para firmar o diagnóstico: não há mérito, apenas aparelhamento.

Mas há mais em jogo. O gesto que move essa crítica não busca apenas desqualificar um nome. Busca interditar uma gramática inteira. Freire, aqui, figura como corpo estranho, como ruído indesejado em um sistema que exige neutralidade como ficção fundante. Seu prestígio, longe de ser reconhecido como conquista, é lido como artifício, como produto de um circuito fechado entre Estado, universidade e ideologia. Não se trata de avaliar o método. Trata-se de desativar o mito. Seu prestígio, nessa narrativa, não advém de mérito, mas de aparelhamento.

Mas o que realmente está em jogo é o monopólio da palavra autorizada. O que se contesta, sob o nome de Freire, é o regime discursivo que permite à esquerda ocupar o centro da produção curricular, da crítica educacional e da formação docente. A guerra simbólica não mira o conteúdo. Mira a soberania sobre o que pode ser ensinado, validado e celebrado. E, nesse terreno, cada título de Freire é uma ameaça, não por seu conteúdo, mas pelo imaginário que convoca. Apple (2008) já advertia que todo currículo é escolha política. Fingir neutralidade é ocultar o poder que seleciona o que será ensinado. O documentário, então, não é apenas resistência; é contra-ofensiva. Uma tentativa de redesenhar as fronteiras do admissível no campo educacional. O objetivo não é apenas desautorizar Freire, mas reconfigurar o próprio cânone pedagógico: quem pode ensinar, com que palavras e com que filiações. O que se propõe, afinal, é um novo regime de verdade sobre o que é, e o que não pode mais ser, chamado de educação.

### **Obstrução hermenêutica e clausura epistêmica**

Não há aqui espaço para a escuta. O documentário *A Face Oculta de Paulo Freire* não tenta compreender. Tenta silenciar. Sob o véu da crítica, opera-se um gesto mais profundo e mais grave: o bloqueio deliberado da fusão de horizontes, conceito fundante da hermenêutica gadameriana (Gadamer, 1997). Onde poderia haver um encontro entre tradições, produz-se um interdito. Freire não é lido, mas silenciado; não é tensionado, mas apagado. O gesto hermenêutico se inverte: do diálogo ao ataque, da escuta à caricatura, da alteridade à ameaça.

Essa recusa, contudo, não é apenas intelectual. É sintoma de algo mais visceral. Um mal-estar diante da ideia de que a educação possa fazer ver o que se quer manter invisível. A pedagogia freiriana, com sua recusa da neutralidade e sua aposta na consciência histórica dos sujeitos, é reduzida a um simulacro de doutrinação. Torna-se ameaça à ordem simbólica que ancora a pedagogia conservadora: repetição, autoridade e disciplina.

Ricoeur (1994) recorda que interpretar um texto é entrar em dois movimentos: descrever o que ele é e apropriar-se do que ele projeta. O documentário interrompe esse percurso: nomeia o objeto, mas recusa o mundo possível que dele emerge. A pedagogia freiriana, em vez de ser interrogada, é fechada. Sua abertura ao inacabamento, ao saber popular e ao diálogo como ética torna-se intolerável. E o que resta é o gesto de contenção. Não apenas negar Freire, mas interditar seu horizonte de existência.

Não por acaso, o impasse se agrava. A clivagem já não é entre visões opostas, mas entre mundos que não se reconhecem mutuamente. De um lado, o sujeito que lê a realidade como injustiça histórica. De outro, aquele que vê nessa leitura um delírio ideológico. Entre ambos, a linguagem se desfaz. Kohan (2019), ao propor uma leitura da pedagogia freiriana como ética da incompletude, explicita o que o documentário deseja apagar: a possibilidade de que educar seja reinvenção, e não doutrinação. Ao rejeitar o inacabamento constitutivo da experiência educativa, esse discurso se cristaliza em um desejo de preservação. Resta indagar o que, exatamente, se pretende preservar.

### **Paulo Freire como signo em disputa**

Freire já não é apenas um nome. É signo de uma disputa. No Brasil contemporâneo, sua imagem escapa à pedagogia e se instala em um plano simbólico mais denso: o das guerras de mundo. Não se trata mais de debater métodos educativos, mas de disputar ontologias. O que se diz de Freire, e contra ele, revela tanto sobre quem fala quanto sobre o próprio autor.

Ao seguir os rastros do discurso da nova direita, como o que se articula na produtora Brasil Paralelo, vê-se com nitidez o movimento. A crítica ao método esconde a recusa ao mundo que ele propõe. Um mundo em que o saber emerge do vivido, em que o oprimido fala, em que a escuta é princípio, e não concessão. A pedagogia freiriana, nesse espelho invertido, torna-se insuportável porque desloca o centro do discurso. Já não se trata de ensinar ao outro, mas de aprender com ele.

Mas seria ingênuo imaginar que o problema está apenas fora. Em que medida a institucionalização de Freire não o traiu? Quando elevado à condição de cânone, obrigatório, repetido e domesticado, o pensamento que nasceu para inquietar pode converter-se em ritual. Aquilo que era abertura torna-se doutrina. E o que era escuta, resposta pronta. A vitalidade da obra, então, se esvazia, não porque tenha perdido força, mas porque foi congelada.

Mesmo quando caricaturado por narrativas conservadoras, o legado de Paulo Freire não escapa a críticas que emergem do interior da própria tradição que o reivindica. Sua transformação em símbolo nacional, consagrado como patrono da educação, implicou não apenas visibilidade e reconhecimento, mas também o risco de cristalização. Em

determinados contextos, o pensamento que nasceu para perturbar foi domesticado pela liturgia escolar, convertido em ritual discursivo e esvaziado de sua potência inaugural.

É preciso, então, confrontar um dilema incômodo: até que ponto a pedagogia crítica, quando alçada à condição de cânone, não se torna blindagem contra o dissenso? Quando a repetição substitui a escuta, e a reverência silencia a reinvenção, o risco é que o gesto que antes abria horizontes agora se preste à clausura simbólica. Há casos em que Freire é menos lido que citado, menos escutado que instrumentalizado, um nome que legitima, mas não necessariamente problematiza.

A institucionalização de Freire, longe de ser um fim em si, deve ser compreendida como campo de tensão. Entre reverência e reapropriação, entre o monumento e a pergunta. Sua obra continua a pulsar, mas também a incomodar, inclusive nos espaços que a celebram.

Neste ponto, a disputa deixa de ser apenas acadêmica e se instala em outra chave: qual é o papel da educação na sociedade? Repetir ou reinventar? Conservar ou perturbar? Oferecer respostas ou suscitar perguntas? Arendt (2006) sugere que educar não é projetar de antemão o futuro, mas introduzir os recém-chegados em um mundo que os precede e pelo qual os adultos devem assumir responsabilidade. Freire, com sua insistência no diálogo e na problematização, não oferece um destino, mas um horizonte aberto.

Não se trata, portanto, de defender Freire. Trata-se de escutá-lo. E, nessa escuta, aceitar o deslocamento que sua obra produz. Porque Paulo Freire não resolve. Desinstala. E é exatamente por isso que ainda pulsa e ainda incomoda.

## Conclusão

Não se trata apenas de um documentário sobre educação. Seria cômodo demais. A *Face Oculta de Paulo Freire* opera em outra chave, menos pedagógica do que ontológica. Ainda que travestida de crítica educacional, a narrativa em questão transborda seu próprio enquadramento, reverberando em domínios mais densos e subterrâneos: o do sujeito que se pretende esvaziado de história, o da autoridade que já não se impõe sem disputa, o da cultura convertida em campo de luta por legitimidade. Freire, nesse cenário, escapa ao papel de mero alvo. Ele encarna uma perturbação, não o erro, mas o sinal; não o excesso, mas a fissura. O que se deseja calar não é um método. É o mundo que esse método faz emergir.

O texto, em sua arquitetura discursiva, não se organiza por tópicos estanques, mas por correntes que se entrelaçam como cordas sob tensão: esvaziar o prestígio ao apartá-lo da prática; nomear a pedagogia como disfarce ideológico; tematizar a linguagem como dispositivo moral ambíguo; e acusar a hegemonia como forma de cerco simbólico. Não há pausa entre elas. São gestos simultâneos que redesenham Freire não como interlocutor possível, mas como ameaça imanente.

E, no entanto, nem todo olhar se curva a essa figura do inimigo. Há quem leia sua obra como um chamado que não fixa, mas pergunta; um gesto que não conduz, mas escuta. Não se trata de doutrina ou neutralidade, mas de disposição ao risco: o de ensinar com o outro, e não sobre ele. Uma ética da alteridade atravessa sua proposta como linha invisível, ali onde ensinar significa, antes de tudo, responder à interpelação do outro em sua

concretude histórica (Freire, 1996; Kohan, 2019). E, se há ideologia, que não se confunda com catequese: ela está no solo, no tempo e no corpo, inseparável da condição de quem ensina e de quem aprende (Apple, 2008). Fingir neutralidade talvez seja, neste ponto, a mais elaborada das ficções.

Mesmo a crítica recorrente, a de que seu método jamais foi plenamente implementado, pode ser lida ao avesso. Pois talvez sua obra não pretenda ser método, mas horizonte. Não um conjunto de procedimentos, mas um modo de suspeitar do já dado. De recusar a repetição como destino. De reencenar o gesto inaugural do aprender: perguntar (Freire, 1970; Haddad, 2019). Nesse sentido, sua pedagogia não prescreve: provoca.

O entrechoque entre política e educação, tantas vezes apresentado como disfunção, é aqui reposicionado. Se, para Arendt (2006), educar é introduzir os recém-chegados em um mundo que os precede, para Freire formar é inserir o sujeito na cena histórica, sem antecipar o final. As duas visões não se anulam. Elas se tensionam. E nesse atrito talvez resida o que há de mais fecundo: a chance de uma escola que não seja trincheira nem clausura, mas travessia (Kohan, 2019).

O ataque recorrente a Paulo Freire no discurso conservador contemporâneo não decorre apenas de sua associação ao marxismo, mas do lugar estratégico que a educação ocupa nas disputas culturais do presente. Freire torna-se alvo privilegiado porque sua reflexão articula formação, diálogo e consciência crítica às condições materiais da vida social, em contraste com projetos discursivos que reduzem a educação à disciplina, à neutralização do conflito e à gestão de condutas.

Freire, assim, permanece em disputa. Sua figura não se presta à cristalização nem à condenação simplista. Talvez o gesto mais freiriano, hoje, seja recusá-lo como monumento. Reapropriá-lo como pergunta. E também criticá-lo, desde dentro. É nesse ponto que o horizonte hermenêutico se reabre, não para explicar Freire, mas para escutá-lo em sua precariedade, em sua incompletude, como sinal de uma verdade que se constrói na tensão, não na transparência (Han, 2017). Porque a pedagogia crítica, se quer ser crítica, deve também saber se expor à crítica e se recusar à canonização confortável que a esvazia.

## Referências

APPLE, Michael W. **Ideologia e currículo**. 3. ed. Porto Alegre: Artmed, 2008.

ARENDT, Hannah. The crisis in education. *In*: ARENDT, Hannah. **Between past and future**: eight exercises in political thought. New York: Penguin Books, 2006.

BRASIL PARALELO. **A Face Oculta de Paulo Freire** [vídeo]. YouTube, 24 abr. 2023. Disponível em: [https://www.youtube.com/watch?v=z38x\\_WevnSg](https://www.youtube.com/watch?v=z38x_WevnSg). Acesso em: 5 jul. 2025.

BRASIL PARALELO. **O que é a Brasil Paralelo**. [s.d.]. Disponível em: <https://www.brasilparalelo.com.br/o-que-e-a-brasil-paralelo>. Acesso em: 5 jul. 2025.

CARVALHO, Olavo de. Viva Paulo Freire!. **Diário do Comércio**, 19 abr. 2012. Disponível em: <https://olavodecarvalho.org/viva-paulo-freire/>. Acesso em: 5 jul. 2025.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1970.

GADAMER, Hans-Georg. **Verdade e método**. Tradução de Flávio Paulo Meurer. Petrópolis, RJ: Vozes, 1997.

HADDAD, Sergio. **O educador**: um perfil de Paulo Freire. São Paulo: Todavia, 2019.

HAN, Byung-Chul. **Sociedade da transparência**. Tradução de Enio Paulo Giachini. Petrópolis, RJ: Vozes, 2017.

KOHAN, Walter. **Paulo Freire, mais do que nunca**: uma biografia filosófica. Belo Horizonte: Vestígio, 2019.

LINDSETH, Anders; NORBERG, Astrid. A phenomenological hermeneutical method for researching lived experience. **Scandinavian Journal of Caring Sciences**, v. 18, n. 2, p. 145-153, 2004. Disponível em: <https://doi.org/10.1111/j.1471-6712.2004.00258.x>. Acesso em: 5 jul. 2025.

RICOEUR, Paul. **Tempo e narrativa**. Tomo 1. Tradução de Constança Marcondes Cesar. Campinas, SP: Papyrus, 1994.

**Recebido em:** 22 ago. 2025

**Aceito em:** 03 mar. 2026